

# Chile, estabilizado, deve crescer 6% em 95 e prepara agenda para o Brasil

por Maria Helena Tachinardi  
de Santiago do Chile

O presidente do Chile, Eduardo Frei Ruiz Tagle, embarca neste sábado para um período de catorze dias por países europeus, onde vai comemorar um ano de governo baseado na estratégia crescimento com equidade. Leva consigo o ministro das Relações Exteriores, Jose Miguel Insulza, e o da Economia, Alvaro Garcia, uma delegação de empresários e de trabalhadores.

A viagem de Frei, logo em seguida ao encontro de dois dias, a partir de hoje, com o presidente Fernando Henrique Cardoso, mostra que ele confia na estabilidade econômica e política do Chile, que não está sofrendo as conseqüências do abalo da crise mexicana e de seus reflexos na economia argentina, comentou o ministro Alvaro Garcia, em entrevista, ontem à tarde, a este jornal.

Na declaração conjunta dos dois presidentes, a ser assinada nesta sexta-feira, deverá constar o interesse recíproco na utilização do porto de Arica, ao Norte do Chile, para a saída brasileira ao Pacífico. O assunto consta da agenda do chanceler Luiz Felipe Lampréia, que estará acompanhado do vice-governador de Mato Grosso, Márcio Lacerda. A visita de Cardoso, cujo desembarque em Santiago estava previsto para ontem por volta da meia-noite, é vista pelas autoridades chilenas como oportuna para consolidar a prioridade conferida à formação de uma área de livre comércio entre o Mercosul e o Chile. Segundo Garcia, o governo Frei quer avançar o mais rápido possível nesse projeto. Ele acha que as negociações técnicas não caminham na mesma velocidade do desejo político. Uma das diferenças no posicionamento do Chile e do Mercosul é que Santiago quer que a redução das tarifas comece logo. Não se trata, porém, conforme ele deixou claro, de adesão como membro pleno do Mercosul, devido às disparidades entre as tarifas. A tarifa média de importação do Chile é hoje 9%, enquanto a

do Mercosul situa-se em torno de 14%. Além disso, o Chile quer uma zona de livre comércio que inclua negociações sobre serviços, proteção e promoção de investimentos e integração física, sobretudo a energética, o que será impossível, por exemplo, na associação com o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta). Com EUA, Canadá e México, o Chile não poderá negociar uma integração elétrica e na área de gás.

O governo Frei está em pleno trabalho interno de preparação para um acordo com o Nafta. Em março, começarão as primeiras reuniões técnicas, que deverão estar concluídas dentro de um ano.

(O presidente do Chile, Eduardo Frei, disse ontem

em Montevideu, que vê o Mercosul "não apenas como uma proposta de tarifas", mas como "uma visão de integração a longo prazo que inclua assuntos físicos, energéticos, serviços, transportes e investimentos", informou a EFE.)

No próximo dia 11, Frei completa um ano na presidência do Chile e tem bons motivos para achar que o modelo que inspira sua administração está dando certo. Até 20 de fevereiro, em plena crise mexicana, os investimentos estrangeiros no Chile aumentaram 80% em relação ao mesmo período do ano passado, somando-se aplicações em bolsa, menos as do tipo ADR, via mercado financeiro norte-americano, que caíram 8,9%, e in-

vestimentos na produção. Em 1994 os investimentos externos na economia chilena totalizaram US\$ 4,6 bilhões.

A captação de investimentos estrangeiros, esclarece Garcia, está longe de ser semelhante à ocorrida no México. O Chile não quer o "hot money" ou o investimento estritamente especulativo e taxa em 30% o capital que procura apenas usufruir altas taxas de juro chilenas. Inibidos no Chile, esses capitais "que vêm por apenas um ano, foram para o México e para a Argentina, o que permitiu defender nosso tipo de câmbio", diz o ministro da Economia. Resumindo, o Chile não foi pego de surpresa com a crise mexicana porque apreciou a sua moeda, o peso, no período de 1979 a 81, o que custou uma recessão de 13% do PIB, enquanto o México esteve com sua moeda valorizada em relação ao dólar até há poucos dias. "Aprendemos a lição antes", diz ele, exibindo uma série de bons indicadores para este ano.

Depois de crescer em média 6,5% ao ano na última década, a economia do Chile deve expandir-se 6% neste ano e nos próximos.

Com o PIB ao redor de US\$ 50 bilhões, algo como a economia da cidade paulista de Campinas, nos últimos três anos, o Chile tem se revelado um exportador de capitais: investiu US\$ 3,5 bilhões no exterior, cifra que deverá se aproximar de US\$ 8 bilhões nos próximos anos, quando esses investimentos produtivos se completarem. "Nos últimos quatro anos investimos 2% do PIB, em relação a 0,5% do que o Japão investe e a 0,6% do que os EUA exportam em termos de capitais", compara Alvaro Garcia.

Esse é um dos assuntos que ele tratará com a ministra da Indústria, do Comércio e do Turismo, Dorothea Werneck, por ele convidada para vir ao Chile, onde provavelmente estará em março. O governo Frei quer ampliar os investimentos chilenos no Brasil. Hoje eles totalizam US\$ 223 milhões ante US\$ 173 milhões aplicados pelo Brasil na economia chilena.